



MULHERES E FILOSOFIA: EFEITOS DE UM SILENCIAMENTO

Dantielli Assumpção Garcia*

UNIOESTE

Anna Deyse Rafaela Peinhopf**

UNIOESTE

Resumo: Nesta pesquisa, investigamos acerca dos ditos e não-ditos das e sobre as mulheres filósofas que compõem a História da Filosofia Antiga. Com o tema “Mulheres filósofas e a institucionalização do silêncio”, e filiadas à Análise de Discurso Francesa, refletimos sobre o discurso filosófico-científico produzido acerca das mulheres, que as apagaram na história do conhecimento, e sobre o discurso filosófico-científico produzido por mulheres e que durante anos foi silenciado. Recortamos nosso corpus a partir das ementas de disciplinas de História da Filosofia Antiga presentes nos Planos Políticos-Pedagógicos de Graduação em Filosofia, em Universidades Federais.

Palavras-chave: Análise de discurso francesa, Mulheres filósofas, História da filosofia antiga.

Abstract: In this research, we investigate about the sayings and no-sayings of and about the women philosophers that made the Ancient Philosophy's History. With the theme “Women philosophers and the silence's institutionalization”, and affiliates to French Discourse Analysis, our corpus is composed from the History disciplines of the Philosophy's course.

Keywords: French discourse analysis, Women philosophers, Ancient philosophy's history.

1. Introdução

Costumamos considerar a Filosofia como disciplina reflexiva e questionadora, matéria que nos ajuda a pensar criticamente e a compreender a nós e ao mundo que nos cerca. Imaginamos que, por

ser reconhecida como a ciência primeira, a Filosofia estaria disposta a entender as questões referentes ao mundo, questionando o já-dado e o pré-estabelecido.

Se buscarmos ao longo de toda a História da Filosofia¹ e, assim, também da Ciência, encontraremos homens filósofos, considerados os “porta-vozes” da verdade², pensando e delimitando o que é ser Mulher³. Como aponta Gaspar (2009), ao invés de questionar as posições discriminatórias e excludentes, durante séculos os filósofos se limitaram a racionalizar o senso comum e os preconceitos de seu tempo, sem problematizar, refletir ou analisar criticamente a posição social das mulheres.

Somos levadas a acreditar que poucos são os exemplos de mulheres que elaboraram algo com importância suficiente para ser narrado na história. Basta pensar na quantidade de autoras que estudamos na escola, e também na universidade, comparado com o número de autores. Por isso, o primeiro ponto de nossa análise é investigar a presença das filósofas no ensino da Filosofia, a nível superior nas graduações desse curso.

Para começar a refletir sobre essas questões, primeiro temos que considerar que, durante séculos, não foi permitido às mulheres o acesso irrestrito e geral à educação⁴. Por consequência, quem escrevia e divulgava as ideias acerca do sexo feminino eram homens. Assim, a presença e a ausência histórica das mulheres na sociedade eram definidas e narradas pelos sujeitos do sexo masculino, isto é, filósofos, cientistas, historiadores, clérigos etc.

Com isso, durante séculos, metade da população, composta por mulheres, permaneceu atrelada ao espaço doméstico, sem figurar e existir nos espaços coletivos – ou ao menos foi isso o que os registros históricos relataram. Essa imagem histórica das mulheres contidas num “encarceramento” ao lar ajuda, também, a produzir o efeito de sentido de que não existiram filósofas, cientistas, escritoras, eruditas. Tais discursos foram construídos na medida em que os homens, portadores da palavra (filósofos, cientistas, historiadores, clérigos), consideraram que os sujeitos do sexo feminino eram inferiores aos do sexo masculino, baseando-se apenas na materialidade dos dizeres construídos historicamente e que figuravam no senso comum desde os primórdios da civilização.

Desse modo, apesar de poucos serem os materiais de autoria feminina conservados historicamente, uma enorme coletânea de dizeres sobre esta foi produzida:

Existe uma abundância, e mesmo um excesso de discursos sobre as mulheres; avalanche de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra dos homens, mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas as viam ou sentiam (PERROT, 2007, p. 22).

Então, a existência desses dizeres sobre mulheres, ou sobre o “ser” Mulher, não remete apenas a um dito ou já-dito histórico, como também um não-dito que as exclui. Considerando, como afirma Orlandi (2010; 2013), que todo dito apaga inúmeros não-ditos, a Formação Ideológica que atravessa as Formações Discursivas de representantes do sexo masculino para pensar e dizer sobre o sexo feminino, materializa não só o silenciamento de mulheres pensantes sobre si e sobre o mundo a sua volta, como também, e por esse motivo, as apaga da História, de forma ampla, e da Filosofia, de forma restrita.

Nos termos de Pêcheux:

[...] o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas* [...] nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, *formação*

discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (PÊCHEUX [1988], 2009, p. 146-147, *grifos do autor*).

Consideramos, então, as ementas como uma Formação Discursiva que, a partir de uma Formação Ideológica, determina o que pode e deve ser dito dentro do curso de Graduação em Filosofia. Procuramos, com nossa pesquisa, entender esse discurso da Filosofia e, por extensão, da Religião, da Ciência e da História, que pensou e delimitou o que é ser mulher durante séculos, e “autorizou” os lugares que poderiam ser por elas ocupados. Queremos olhar para os dizeres dos sujeitos filósofos, que compõem o tecido da História da Filosofia, para analisar os efeitos de sentido produzidos por esses discursos e sua possível relação com o silenciamento das e nas filósofas.

Para tanto, nossa pesquisa busca, na perspectiva teórica da Análise de Discurso de linha francesa, resquícios de Formações Ideológicas deixadas nos dizeres filosóficos, religiosos, científicos e históricos. Pois, conforme afirma Orlandi (2010), a Análise de Discurso tem a linguagem, e o discurso, como instrumento mediador entre o homem e a realidade que o cerca e, tanto a filosofia quanto a religião, a ciência e a história procuram estabelecer, por meio da linguagem e do discurso, os conceitos de sujeitos que buscam entender o mundo a sua volta. Nesse horizonte teórico, o discurso é entendido como a mediação que “torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (ORLANDI, 2010, p. 15).

Em outras palavras, para analisar o discurso, devemos considerar o homem na sua história, compreendendo os processos e as condições de produção da linguagem, observando as situações em que foram produzidos os dizeres, bem como as relações estabelecidas entre os sujeitos e os ditos, os já-ditos e os não-ditos (ORLANDI, 2010; 2013). Assim, tendo como objeto de estudo o silêncio institucionalizado das e nas mulheres filósofas por meio de seu apagamento pela e na História

da Filosofia, nosso *corpus* é formado pelos ementários das disciplinas obrigatórias, em especial as históricas, nos programas nacionais de graduação em Filosofia, nas Universidades Federais brasileiras⁵. Optamos, dentre elas, pelas que disponibilizavam, publicamente e online, o Projeto Político-Pedagógico⁶ do curso. Neles, recortamos as ementas e as referências bibliográficas para observar qual é o discurso que constitui a justificativa das disciplinas e, a partir dele, a escolha entre as autoras e os autores que as compõem.

Desse modo, nossa pesquisa, que tem como tema “Mulheres filósofas e a institucionalização do silêncio”, nos leva a refletir sobre o discurso filosófico-científico produzido acerca das mulheres, que as apagaram da e na história do conhecimento, e sobre o discurso filosófico-científico produzido por mulheres e que, por muito tempo, foi silenciado, para que o discurso do homem filósofo, ou do cientista e do historiador, permanecesse sendo o mais, e, por vezes, o único, considerado nos cursos de formação filosófica.

Por isso, partimos da escolha dos filósofos feita nas ementas analisadas, utilizados como referência nas bibliografias básicas e complementares, para materializar, ainda que de forma limitada dada a vastidão da produção filosófica, os dizeres acerca das mulheres e de como estas eram e deveriam ser vistas. Selecionamos alguns dizeres desses filósofos, pois entendemos serem estes os nomes obrigatórios para a formação na disciplina histórica em questão, uma vez que sua referência é recorrente nas ementas que constituem nosso *corpus*.

Nosso *corpus* requisitou a mobilização do conceito de recorte, proposto por Orlandi (1984). Nesse sentido, podemos trabalhar com a análise por meio de fragmentos da situação discursiva. Entendemos ser necessária essa abordagem analítica, pois, para refletir sobre a formação do discurso que autoriza o que é e o que não é Filosofia em nosso país, devemos olhar para os fragmentos que definem o que cada disciplina é. Por isso, observamos tanto o texto explicativo/justificativo das ementas, que tenta controlar o sentido definindo o que cada uma delas seria, bem como a autoria que é referenciada nas bibliografias, que busca determinar quem seriam os sujeitos que compõem cada período abrangido nos programas de Filosofia.

Entendemos, tal como Scherer, Petri e Martins (2013), que o discurso é repleto de sentidos e, por isso, “a escolha das nomeações ou

designações não é ‘a escolha’ de um sujeito, e sim o resultado das determinações históricas que nos levam a dizer algo em detrimento de dizer outra coisa” (SCHERER, PETRI, MARTINS, 2013, p. 25). Nesse sentido, as escolhas para explicar e justificar uma disciplina, neste caso dos Programas de graduação, expõem as determinações e compreensões históricas do que é a Filosofia ou de como ela deve ser considerada em determinado período e quais são as/os autoras/autores que são legitimamente produtoras/produtores desse conhecimento.

Para constituir nosso *corpus*, então, primeiro pesquisamos todas as Universidades Federais do país e selecionamos, dentre elas, as que possuíssem curso presencial de Filosofia, bacharel ou licenciatura, dividindo-as por região. Depois, consideramos as que, entre todas, tivessem o Projeto Político-Pedagógico do curso disponível online e publicamente, e que nela constassem as disciplinas obrigatórias, com suas respectivas justificativas e referências bibliográficas. Optamos por selecionar apenas essas, pois entendemos que as ementas e bibliografias fazem parte de um conjunto maior, isto é, que estão dentro de um documento norteador, que é orientado pelas Diretrizes Curriculares a nível Superior propostas pelo Ministério da Educação do Brasil.

Dessa forma, o recorte de nosso *corpus* chegou a 15 Universidades Federais, que se dividiram da seguinte maneira: duas na Região Centro-oeste⁷, quatro na Região Nordeste⁸, três na Região Norte⁹, três na Região Sudeste¹⁰ e três na Região Sul¹¹. Não diferenciamos as ementas dos cursos de bacharelado e de licenciatura, já que, geralmente, as Instituições têm uma ou outra dessas habilitações. Quando, por ventura, as Universidades tinham as duas formações, os documentos norteadores eram, em sua maioria, semelhantes.

Assim, nos 15 cursos pré-selecionados das 15 Universidades Federais, optamos por analisar as disciplinas de perspectiva histórica, pois consideramos que, além de obrigatórias à grade curricular de todos os Programas de graduação em Filosofia nacionais, elas possibilitam entender o modo como a academia determina o que é Filosofia ao longo dos séculos, bem como evidenciam quais foram os sujeitos elegidos como capazes de pensar filosoficamente. Com isso, apesar de variações no nome da disciplina, geralmente são intituladas e divididas em História da Filosofia Antiga, História da Filosofia

Medieval, História da Filosofia Moderna e História da Filosofia Contemporânea.

Nossas análises apontam que, das 90 disciplinas das 15 universidades selecionadas, o total de 1.689 textos foram citados como bibliografia básica e complementar, dentre os quais 65 são de autoria feminina e 1.624 de masculina. Esses dados, exageradamente desiguais, demonstram como, em nosso atual contexto de produção, mas também durante a história do desenvolvimento da civilização humana, as mulheres foram silenciadas enquanto produtoras de conhecimento científico-filosófico.

Percebendo, então, que a ausência de mulheres escritoras reaparece no âmbito acadêmico, lugar de produção e reconhecimento do pensamento científico, nossa pesquisa propõe a reflexão sobre por que há poucas filósofas sendo lidas, estudadas ou mesmo consideradas na História da Filosofia, ou no ensino desta. Questionamos como o silêncio significa no dito e no não-dito das e sobre as mulheres filósofas; refletimos sobre como o discurso masculino se tornou referência para o(s) campo(s) que busca(m) pelas grandes verdades; e problematizamos sobre o silenciamento das mulheres que produziram saberes ao longo da história da Filosofia, tendo como base as obras *História das Mulheres*, de Georges Duby e Michelle Perrot (1990), e *Filósofas*, de Juliana Pacheco (2016).

Assim, apresentaremos agora um recorte de nossa pesquisa, analisando algumas ementas de História da Filosofia Antiga.

2. Fundamentos teóricos: a Análise de Discurso

Para construir o discurso como objeto de estudo, a proposta teórica elaborada por Pêcheux (1969, 1975, 1988) considera o imbricamento de três áreas do conhecimento, isto é, a Linguística, como ciência da linguagem, o Materialismo Histórico, como ciência das formações sociais, e a Psicanálise, como ciência do inconsciente. Assim, a Análise de Discurso Francesa¹² representa um método de investigação que, ao reunir as três bases epistemológicas, critica e desloca vários de seus conceitos, modificando-os no modo como são entendidos e utilizados (ORLANDI, 2010). Com isso, para promover o gesto de leitura analítico, a Análise de Discurso:

Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (ORLANDI, 2010, p. 20).

A afirmação da autora demonstra que, embora Pêcheux mobilize, em seus caminhos epistemológicos, conceitos das três áreas científicas, sua utilização requer deslizamento no sentido em que estes são entendidos e empregados. Como exemplo, a Análise de Discurso concebe a língua não enquanto sistema abstrato, e sim como “língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade” (ORLANDI, 2010, p. 16).

A Análise de Discurso francesa entende que o discurso é opaco, isto é, não é transparente e o que sentido que produz é, na verdade, um efeito obtido a partir das condições de produção históricas em que o dizer foi proferido. Assim, ao invés de considerarmos como objeto de estudo a língua fechada nela mesma, como na Linguística estruturalista saussuriana, na perspectiva pecheutiana trabalhamos com o discurso, tomado como “um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto” (ORLANDI, 2010, p. 16), inter-relacionando-o com a história e a sociedade.

Em outros termos, a Análise de Discurso considera que a linguagem é materializada na ideologia e esta se manifesta na língua, no discurso (ORLANDI, 2010), modificando a compreensão teórica sobre aquele que diz e aquele que escuta.

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, [a Análise de Discurso] trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito

pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (ORLANDI, 2010, p. 17).

Portanto, a teoria elaborada por Pêcheux também compreende os sujeitos falantes de outra forma, na medida em que os pensa como atravessados ideologicamente. Por isso, o sujeito do discurso da concepção pecheutiana será diferente do sujeito ideológico marxista-althusseriano, do sujeito do inconsciente freudo-lacaniano, e também não será a adição entre essas partes. Ou seja, o que diferencia o sujeito da Análise de Discurso dos sujeitos de outras metodologias teóricas é o papel de intervenção da linguagem, na perspectiva da materialidade linguística e histórica que a AD lhe atribui:

Efeito de linguagem, assujeitado e desejante, eis, então, nosso objeto de investigação em toda a sua complexidade e heterogeneidade, unido de modo indissolúvel na topologia do nó borromeano à linguagem, à ideologia e ao inconsciente. A morada do sujeito fica tomada, como se vê, pela inscrição ideológica que se marca no desejo, o qual opera por deslizamento, em um plano de contiguidade e remete sempre a uma falta. Já a linguagem, por sua vez, funciona não só como base material onde essas relações se dão, mas como a própria forma de que elas se revestem. E disso resulta o sujeito, enquanto efeito (FERREIRA, 2010, s/p).

Ferreira (2010) propõe, assim, olhar para a trama do discurso pensando no espaço que é ocupado pelo sujeito, afirmando que este se constitui como sujeito do discurso no ponto de intersecção dos três eixos científicos. Em outros termos, para se tornar “do discurso” este sujeito, coloca-se entre o da ideologia (pela noção de assujeitamento) e o da psicanálise (pela noção de inconsciente), ambos constituídos e revestidos materialmente pela linguagem.

Desse modo, quem se torna analista do discurso não procura entender o que um texto quer dizer, e sim como este texto diz (ORLANDI, 2010), passando a considerar os sujeitos pelo e do discurso. Para responder a seus questionamentos, tal pesquisadora/o

deve considerar que a Análise de Discurso “produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade” (ORLANDI, 2010, p. 18).

Com isso, ao deslocar a investigação da língua fechada em si mesma para uma análise do discurso, a teoria pecheutiana se distancia do modo elementar de compreender a comunicação. Ou seja, ao invés da mensagem, essa Análise considera o Discurso como efeitos de sentido entre os interlocutores (PÊCHEUX, 1969; ORLANDI, 2010), pois entende que o processo de significação se realiza simultaneamente, sem estar separado de forma estagnada.

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação [...]. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. [...] A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados (ORLANDI, 2010, p. 21).

Dito de outra forma, quando trabalhamos com a metodologia da Análise de Discurso, deixamos de entender a linguagem de forma unilateral, isto é, “como produtora (e o mundo é dado) ou como produto (e ela própria é dada)” (ORLANDI, 1984, p. 10). Assim, enquanto analistas, consideramos a linguagem por meio do discurso, observando a dinâmica de seu funcionamento, na qual procuramos determinar os processos de sua constituição e que são de natureza sócio-histórica.

Quando Pêcheux (1988, p. 281) afirma que “não há dominação sem resistência”, podemos entender que há pelo menos dois discursos em oposição, a saber, o discurso da dominação e o da resistência. Além disso, também precisamos considerar que todo dito possui inúmeros não-ditos, que são esquecidos, apagados ou silenciados (ORLANDI, 2010, 2013). Por isso, observamos, em nossa análise, que

há uma predominância dos textos de autoria masculina, escolhidos para representar o que seriam os conteúdos e os saberes que cada disciplina histórica da Filosofia mobiliza. E, a partir disso, perguntamo-nos o que não é dito para que haja a predileção de apenas autores para representar o conhecimento filosófico, em particular, e o conhecimento científico, em geral.

Assim, para entender essa relação, precisamos mobilizar as noções de condições de produção, de memória e de interdiscurso. As condições de produção podem ser consideradas a partir de dois sentidos: o estrito, em que temos as circunstâncias de enunciação, no contexto imediato; e o amplo, no qual consideramos o contexto sócio, histórico e ideológico (ORLANDI, 2010). Para pensar as condições de produção de contexto imediato, como o nome sugere, observamos o momento/lugar/meio de circulação em que o discurso é/foi produzido. Já nas condições de produção de contexto amplo, consideramos os elementos que derivam da organização da sociedade, com suas instituições e normas, isto é, com seus Aparelhos Ideológicos e Repressores de Estado, que controlam o sujeito do discurso. Nesse sentido, as condições de produção remetem também à história, isto é, à “produção de acontecimentos que significam [...] segundo um imaginário que afeta os sujeitos em suas posições políticas” (ORLANDI, 2010, p. 31).

Por sua vez, conforme afirma Orlandi (2010), a memória, quando pensada em relação ao discurso, é tratada como interdiscurso, que é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Nesse sentido, o dito torna opaco inúmeros não-ditos na medida em que é constituído por um apagamento da memória discursiva, por sentidos já discursivizados por alguém, em outros lugares e em outros momentos, mas que foram esquecidos:

As palavras [que dizemos] não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele (ORLANDI, 2010, p. 32).

Analisando os textos que justificam as ementas das disciplinas de (História da) Filosofia Antiga, percebemos a regularidade entre os temas e entre os autores referenciados. Como exemplo, vamos considerar cinco recortes¹³, cada um representando uma disciplina/universidade¹⁴ por região.

História da Filosofia Antiga		Total	Teórica	Prática
		120 h/a	120 h/a	
E M E N T A				
Estudo de temas e autores desde os filósofos pré-socráticos até os filósofos do helenismo Greco-romano.				
B I B L I O G R A F I A				
BÁSICA:				
ARISTÓTELES. <i>Metafísica</i> ; trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1999.				
CORNFORN, F. <i>Principium sapientiae</i> ; trad. Maria M. R. dos Santos. Lisboa: Caloute Gulbenkian, 1989.				
EPICURU, LUCRÉCIO, SÊNECA, CÍCERO. In col. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1973.				
LAÉTIOS, D. <i>Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres</i> ; trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1987.				
PLATÃO. <i>Banquete; Fédon; Sofista; Político</i> ; trads. José C. de Souza, João Paleikat, João C. Costa. São Paulo: Abril, 1972.				
SOUZA, J. C. (org., trad.) <i>Os pré-socráticos</i> . São Paulo: Abril, 1973.				
JAEGER, W. <i>Paidéia</i> ; trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.				

Recorte 1: Ementa da disciplina de História da Filosofia Antiga, UFMT, 2013.

No primeiro fragmento, o sujeito responsável pela disciplina¹⁵ definiu-a como o “Estudo de temas e autores desde os filósofos pré-socráticos até os filósofos do helenismo Greco-Romano”. Seu dizer utiliza o termo “filósofos” para se referir a “temas” e “autores” do período que demarca o início da Filosofia Ocidental (pré-socrática), até o surgimento da Metafísica (período helenístico), isto é, a base do que é considerado como Filosofia Antiga.

Um dos efeitos de sentido que temos ao ler essa disciplinarização da Filosofia Antiga é a de que não existiram mulheres pensadoras no contexto de surgimento e desenvolvimento da Filosofia. A formulação dessa ementa restringe uma totalidade de temas e indivíduos que pensam a Filosofia apenas a representantes masculinos, conforme a escolha determinante do sujeito que pensa ser utilizado na flexão masculina de “filósofos”. Tal efeito de sentido aparece também pelas

escolhas da autoria e dos textos que constam nas referências bibliográficas, já que todos os sete textos citados são de autoria masculina e a única mulher referenciada aparece como tradutora (destacada no recorte).

8. HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA 1

Apresentando a problemática em torno dos conceitos de história e história da filosofia. Situação espaço-temporal da história da filosofia apontando para o nascimento da filosofia na Grécia: características fundamentais do pensamento grego. Os grandes períodos filosóficos e os estudo de seus principais representantes.

REFERÊNCIAS:

- SPINELLI, Miguel. Filósofos Pré-Socráticos: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- FILOSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS. Os Pré-Socráticos. Serão consideradas Atividades Complementares São Paulo: Abril Cultural, 1985. Col. Os Pensadores.
- PLATÃO. Apologia de Sócrates. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Col. Os Pensadores.
- PLATÃO. A República. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1996..
- PLATÃO. Fédon. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Col. Os Pensadores.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômacos. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.
- ARISTÓTELES. Política. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.
- REALE, Giovanni. História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.

Recorte 2: Ementa da disciplina de Filosofia Antiga, UFAL, 2006.

Neste segundo recorte, encontramos discurso semelhante ao do primeiro, pois quem pensou a disciplina relaciona “grandes períodos históricos” com “estudo de seus principais representantes” para compreender a “história da filosofia”. Novamente, nas referências, percebemos o uso do substantivo “homens” para contar/definir/retratar o que é a (História da) Filosofia Antiga. Além disso, os únicos filósofos que foram citados são Platão e Aristóteles, e os comentários históricos ficam por conta de dois autores, Reale e Spinelli.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA

Principais correntes e movimentos filosóficos da antiguidade. A origem da Filosofia. As principais escolas pré-socráticas. A Filosofia na pólis grega. A Sofística. Principais temas e conceitos das Filosofias de Platão e Aristóteles. O Helenismo.

Referências

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2001.
- AURELIO, Marco. *Meditações*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1980.
- BERTI, Enrico. *As Razões de Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 1998.
- CORNFOR, Francis M. *Antes e Depois de Sócrates*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- OS PRÉ-SOCRÁTICOS. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- PAVIANI, Jayme. *Filosofia e Método em Platão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- PLATÃO. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- PLATÃO. *O Sofista*. Belém: Editora da UFPA, 1973.
- REALE, Giovanni. *Guia de Leitura da "Metafísica" de Aristóteles*. Barcelona: Herder, 1999.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulinas, 1990. v.1.
- REALE, Giovanni. *Para Uma Nova Interpretação de Platão: Releitura da Metafísica dos Grandes Diálogos à Luz das "Doutrinas Não-Escritas"*. São Paulo: Loyola, 2004.
- SÊNeca. *De La Brevedad de La Vida*. Buenos Aires: Aguilar, 2001.
- SPINELLI, Miguel. *Filósofos Pré-Socráticos: Primeiros Mestres da Filosofia Grega*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

Recorte 3: Ementa da disciplina de História da Filosofia Antiga, UNIR, 2009.

No terceiro recorte, a definição dada demonstra que a disciplina visa alcançar as “Principais correntes e movimentos filosóficos da antiguidade”, “A origem da Filosofia”, “As principais escolas pré-socráticas”, “A Filosofia na polis grega”, “A sofística”, os “Principais temas e conceitos das Filosofias de Platão e Aristóteles” e “O Helenismo”. Assim, os vários objetivos, que parecem querer contemplar diversos conteúdos da História da Filosofia Antiga, reproduzem o mesmo discurso hegemônico e heterogêneo que elenca apenas sujeitos do sexo masculino como aqueles que podem pensar e falar sobre filosofia, uma vez que dos 14 textos utilizados, todos são de autores.

EPF 1063	HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA - I	(4-0)
----------	----------------------------------	-------

OBJETIVOS - ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:

Identificar os principais problemas filosóficos e as respectivas soluções nos autores do período.

TÍTULO E DISCRIMINAÇÃO DAS UNIDADES

UNIDADE 1 - INTRODUÇÃO

- 1.1 - Pesquisa racional e Estado na Grécia.
- 1.2 - Os problemas da filosofia pré-socrática.

UNIDADE 2 - A METAFÍSICA

- 2.1 - A noção platônica de "participação".
- 2.2 - O problema da unidade do ser em Platão.
- 2.3 - Matéria e forma em Aristóteles.
- 2.4 - A problema da unidade do ser em Aristóteles: "unidade por analogia"

UNIDADE 3 - A TEORIA DO CONHECIMENTO

- 3.1 - A opinião e o conhecimento sensível em Platão.
- 3.2 - Episteme e dialética platônicas.
- 3.3 - Lógica e ciência demonstrativa em Aristóteles.
- 3.5 - Lógica, Dialética e Retórica aristotélicas.

UNIDADE 4 - ÉTICA E POLÍTICA

- 4.1 - As teorias platônicas da alma e do estado.
- 4.2 - Conhecimento e política em Platão.
- 4.3 - Ética e Polis em Aristóteles.
- 4.4 - A prudência e os graus do saber em Aristóteles.

UNIDADE 5 - DESENVOLVIMENTOS ULTERIORES

- 5.1 - A filosofia helenística.
- 5.2 - As recepções latina e cristã da filosofia grega.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA E COMPLEMENTAR

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARISTOTELES. *Ética a Nicômacos*. Traduções de Mário da Gama Cury, Brasília, Edunb, 1992; e de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da edição inglesa W.D.Ross, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduções de Valentin Garcia Yebra, Edição trilingüe, Madrid, Gredos, 1982; de Jean Tricot, Paris, Vrin, 1970; e de Leonel Vallandro, Porto Alegre: Globo, 1969.

BORNHEIM, Gerd. (Org.) *Os Filósofos Pré-Socráticos* (). São Paulo: Cultrix, 1985;

DIELS, Herman e KRANZ, Walther. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 18ª ed., (Unveränderter Nachdruck der 6. Auflage 1951), Zürich-Hildesheim, Weidmann, 1989;

PLATÃO. *Fédon*. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa, São Paulo, Abril Cultural, 1983.

PLATÃO. *República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa, Gulbenkian, 1993.

SOUZA, José Cavalcante de, (Org.). *Os Pré-Socráticos. Fragmentos. Doxografia e Comentários*. São Paulo: Nova Cultural/Pensadores, 1985.

Recorte 4: Ementa da disciplina de História da Filosofia Antiga I, UFSM, 2009.

O quarto recorte também segue a mesma estrutura. Nele, falar sobre História da Filosofia Antiga é “Identificar os principais problemas filosóficos e as respectivas soluções nos autores do período”. Ousamos perguntar, então, por que as soluções para os principais problemas filosóficos são fornecidas apenas por autores/filósofos do período? Tal discurso é reafirmado na escolha das referências, já que são sete textos de autoria masculina e a única presença feminina aparece, novamente, na posição de tradutora.

Além disso, as informações que são trazidas no programa e que servem para demonstrar como será guiado o estudo dos “principais problemas filosóficos e as respectivas soluções nos autores do período”, remetem apenas aos temas do “pré-socrático”, do “platonismo” e do “aristotelismo”. Entendemos, assim, que a repetição de tais termos e temas caracteriza a existência de uma memória sobre o que é a História da Filosofia Antiga, evidenciado no modo como esta é descrita nas justificativas, nos objetivos, nos conteúdos e nas referências bibliográficas básicas das ementas.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA: PLATÃO E O PLATONISMO

Código: BH1308

Quadrimestre: 6°.

TPI: 4-0-4

Recomendação: não há

Carga Horária: 48 horas

Ementa: A disciplina tem em vista a introdução ao estudo de fontes antigas, dos pré-socráticos a Platão. Nesse âmbito, pretende-se investigar e discutir as primeiras tentativas filosóficas de compreensão e explicação da natureza e do homem, a partir do exame dos seguintes temas: *arché* e *physis*, a dialética platônica e o diálogo como escrita filosófica; maiêutica e anamnese; a doutrina das formas; a natureza do conhecimento.

Bibliografia Básica:

BARNES, J. *Filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martins Editora, 2006.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Carlos Alberto Nunes, Belém: EDUFPA, 2000.

PLATÃO. *Diálogos I*, tradução de Edson Bini, São Paulo: EDIPRO, 2007.

PLATÃO. *Diálogos IV*. Tradução de Edson Bini, São Paulo: EDIPRO, 2009.

PLATÃO. *Diálogos V*. Tradução de Edson Bini, São Paulo: EDIPRO, 2009.

PLATÃO. *Diálogos II*. Tradução de Edson Bini, São Paulo: EDIPRO, 2007.

PLATÃO. *Diálogos III*. Tradução de Edson Bini, São Paulo: EDIPRO, 2008.

PLATÃO. *Diálogos VI*. Tradução de Edson Bini, São Paulo: EDIPRO, 2010.

RAVEN, J. E. ET AL. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2010.

Recorte 5: Ementa da disciplina História da Filosofia Antiga: Platão e o platonismo, UFABC, 2011.

Já a ementa do quinto recorte, além de repetir o uso somente de homens para dizer sobre a disciplina, reforça o efeito de sentido produzido de que na (História da) Filosofia Antiga há somente espaço para homens filósofos, já que estes seriam os únicos a intelectualizar conceitos no período. Assim, a delimitação de apenas um autor para representar toda a História da Filosofia Antiga, uma vez que o título da disciplina é “História da Filosofia Antiga: Platão e o platonismo”, demarca uma filiação discursiva que entende a filosofia enquanto domínio masculino.

Pela análise dos discursos das ementas selecionadas, percebemos que há uma memória discursiva sobre o que é a (História da) Filosofia Antiga, já que, apesar da aparente variedade de conteúdo, estes abordam constantemente os mesmos termos e temas. Ou seja, a repetição dos substantivos “pré-socráticos”, “platonismo” e “aristotelismo” e dos sujeitos “Sócrates”, “Platão” e “Aristóteles”, no discurso que compõe as disciplinas, aponta para um efeito de sentido anterior, que considera apenas os sujeitos do sexo masculino como produtores do conhecimento científico no período.

Entendemos que esses recortes analisados materializam uma mesma Formação Discursiva. Sobre esse conceito, Orlandi (2010) afirma que um discurso se estabelece na relação com outros, naqueles que estão presentes e nos que permanecem na memória. Tal noção nos “permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso” (ORLANDI, 2010, p. 43).

Consideramos, assim, que o conceito de Formação Discursiva se estabelece como o dizer que determina aquilo que pode e deve ser dito a partir de uma Formação Ideológica constituída, isto é, conforme o modo como a posição sócio-histórica está dada (ORLANDI, 2010). Com isso, entendemos que a língua, o discurso que nos torna sujeitos, não é transparente, isto é, as palavras não carregam em si mesmas um sentido, pois este se constitui das e nas Formações Discursivas a que se filiam. E, se o sentido acontece a partir de uma Formação Discursiva anterior ao e no sujeito, estas representarão, no discurso, as Formações Ideológicas. Por sua vez, isso implica que os sentidos serão determinados ideologicamente:

Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca (ORLANDI, 2010, p. 43).

Podemos perceber, então, que a Formação Discursiva que entende a existência de apenas filósofos na História da Filosofia Antiga não é transparente no discurso de quem produziu as ementas. Ela existe na opacidade do texto, encontrada não só pela repetição dos mesmos termos/temas e dos mesmos autores, como também na não-escolha de autoras. Assim, esse discurso é constituído por um já-dito, isto é, que mulheres são mais sensíveis e menos racionais, o que produz um não-dito, ou seja, que as mulheres não teriam produzido conhecimento intelectual nessa época, ambos presentes em outras Formações Discursivas e apagado da memória.

Dito de outra forma, ao reutilizar os mesmos temas e os mesmos autores, quem formulou a disciplina não só diz que há um número reduzido de pensadores no período e que todos são homens, como também entende que não há mulheres filósofas que possam ser citadas, ou porque as creem como inexistentes ou porque entendem que estas não conseguiriam abranger os conteúdos intelectuais referentes ao período histórico. Por isso, podemos perceber que a elaboração das disciplinas referentes à História da Filosofia Antiga produz, dentre outros, o efeito de sentido que apaga ou diminui a existência de filósofas, silenciando-as e reafirmando o discurso de que a posição intelectual da mulher é inferior a do homem.

Consideramos, assim, que é pelo apagamento pela e na História da Filosofia que as mulheres são silenciadas enquanto filósofas. Conforme afirma Orlandi (2013), geralmente costumamos pensar o silêncio como “vazio”, como “falta”, isto é, o concebemos como a ausência de sons ou palavras. Porém, a Análise de Discurso desloca esse sentido, afirmando que o silêncio é condição da significação, é aquilo que está em todas as palavras, ou o que se instala no limiar do sentido (ORLANDI, 2013). Nessa perspectiva, considera que o silêncio não é a ausência de palavra, e sim a multiplicidade de sentidos. Por isso, impô-lo não é calar o sujeito que fala, mas sim impedi-lo de sustentar outro discurso: “Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos” (ORLANDI, 2013, p. 102).

O que esses já-ditos e não-ditos desconsideram é que, desde a Antiguidade, aos homens é dado o direito de pensar e contar a história geral e a sua própria e individual, de criar e de produzir conhecimento

racional e científico sobre vários assuntos. Contudo, durante séculos, as mulheres foram retratadas e definidas por imagens e discursos representados por meio do olhar e da fala masculina. Disso resulta que os sujeitos do sexo masculino são os narradores da história feminina. Às mulheres, excluídas do posto público que os homens ocupavam naturalizadamente, são dadas à posição maternal e doméstica, lugares destituídos de importância histórica, na visão de historiadores.

Nesse sentido, Perrot (2007) afirma que até o século XVIII, apenas três séculos atrás, ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais. Cabe-nos perguntar quem eram esses sujeitos que discutiam tal questão e a quem pertencia a autoridade, durante tantos séculos, de colocar a mulher em lugar de tamanha inferioridade intelectual? Segundo a autora, tais dizeres certamente não são atribuídos às mulheres, já que estas, em sua maioria, não podiam escrever ou falar publicamente. Inclusive, uma das causas do silenciamento era a invisibilidade social imposta ou destinada às mulheres – aquelas que eram escondidas, “mantidas sob a proteção do lar”, não apareciam para constar nos livros de história e registros oficiais.

Assim, como não foram os sujeitos do sexo feminino que escreveram e discursaram sobre si durante muitos séculos, ou tiveram seus dizeres e escritos apagados/excluídos historicamente, a história das mulheres e de suas produções intelectuais passa não só pelas Formações Ideológicas que refletem o pensamento de cada período histórico, como também reproduz a Formação Imaginária e Discursiva que os homens, enquanto filósofos, poetas, historiadores e cientistas, tinham acerca das mulheres.

Segundo Perrot (2007), somente no século XIX as mulheres¹⁶, puderam ter direito à educação, reconhecido pelo Estado, ação que provavelmente tenha sido motivada pela necessidade de trabalhadores mais aptos às funções nas fábricas, incluindo aí também as crianças. Porém, mesmo com a necessidade de introduzir as mulheres na sociedade, advinda das condições de produção capitalistas, mais um século se passou até que os autores perceberem que estas têm uma história e que podem dela ser protagonistas, começando a escrever sobre isso apenas no século XX. Tais condições também contribuíram na produção dos efeitos de sentido que ajudaram a colocar as

mulheres no papel de menos desenvolvidas na esfera intelectual, partindo do pressuposto de que se não são ditas, logo não existiram.

3. Considerações finais

Nossa estrutura coletiva se desenvolve num conflito de forças que produz significados e seus sentidos podem ser múltiplos. Nos milhares de anos que levamos até chegar à organização social que constituímos hoje, nossa história foi a da luta de classes (MARX; ENGELS, 2018). Por isso, nossa história, seja da luta de classes, ou da dominação e da resistência, materializa-se no discurso, naquilo que é dito, já-dito ou não-dito pelos sujeitos e, sendo assim, podemos, por meio da análise, questionar aquilo que foi estabelecido acerca da (in)existência de filósofas.

Observamos o atravessamento ideológico dos sujeitos no discurso, por meio da repetição dos temas e dos autores nas ementas. Desse modo, entendemos que a ideologia é um conceito que possui múltiplos sentidos, sendo compreendida ao longo da história como ilusão que submete o sujeito a um pensamento que não lhe pertence. Enquanto analistas de discurso, olhamos para a ideologia por um viés materialista, utilizando a definição althusseriana. Dessa forma, segundo Althusser (1974, p. 77; 83; 93), a ideologia é “uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”, “tem existência material”, e “interpela os indivíduos enquanto sujeitos”.

Retomando, para que haja o atravessamento da ideologia, é necessário que os Aparelhos Ideológicos de Estado estejam agindo nos discursos e nos sujeitos. Tais instrumentos de ação ideológica são definidos por Althusser (1974) como certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. Para Althusser (1974), todos os Aparelhos Ideológicos de Estado têm como objetivo a reprodução das relações de produção, isto é, das relações de exploração daqueles que estão no poder sob os sujeitos que são subjugados.

Assim, consideramos que o discurso utilizado para a construção das disciplinas analisadas compreende não só a noção de interdiscurso (ORLANDI, 2010), pois é feito a partir de um já-dito do que seria a História da Filosofia, como também de um atravessamento ideológico, já que entende a mulher como intelectualmente inferior ao homem.

Esse interdiscurso ora diz, ora é dito pelos papéis historicamente atribuídos às mulheres e aos homens, o que, por sua vez, é repetido e teorizado nas ementas, dada a repetição dos mesmos temas e dos mesmos autores. Nos ementários de História da Filosofia Antiga, por exemplo, são 450 textos entre as bibliografias básicas e complementares, nos quais são utilizadas 24 publicações de autoria feminina e 426 de masculinas.

Os textos femininos que são referenciados, por sua vez, são manuais de História da Filosofia, e trazem nomes conhecidos tais como Chauí e Cassin. Dentre os 450 textos em geral, e os 24 em específico, não há nenhum que remeta às filósofas da Antiguidade. Contudo, essa ausência não se justifica pela inexistência de mulheres intelectualizadas no período, e sim por uma não presença destas por conta desses já-ditos que as excluíram desde muito cedo dos registros conservados. Em 1692, por exemplo, Gilles Ménage (2009), em *História das Mulheres Filósofas*, comenta sobre mais de 50 intelectuais que existiram desde a Antiguidade até meados da Idade Média. Infelizmente, não conseguiremos abordá-las de forma abrangente aqui, mas podemos citar, a título de curiosidade, duas: Aspásia de Mileto e Diotima de Mentinéia. Estas não só foram mestras de Sócrates, como também dominavam a arte da oratória e falavam em público, sendo influentes na política da *polis*.

Por vezes, como sujeitos inseridos em uma estrutura constituída antes mesmo do nascimento, reproduzimos dizeres machistas, excludentes, limitadores. Porém, tal filiação discursiva não deve deslegitimar a luta pelo reconhecimento das mulheres nos mais variados espaços e tempos sociais e históricos.

Então, se hoje podemos questionar a estrutura social, formados pelos ditos, já-ditos e não-ditos, que entende homens como superiores às mulheres, é porque antes de nós houve outras mulheres que lutaram e permaneceram pesquisando, desenvolvendo conhecimento científico e aceitando a “louca” ideia de que somos iguais em inteligência e competência.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2017.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUBY, G.; PERROT, M. (Org.). **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, 1990.

FERREIRA, M. C. L. Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, UFGRS: v. 24, n 48, 2010.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GASPAR, A. M. **A representação das Mulheres no Discurso dos Filósofos**: Hume, Rousseau, Kant e Condorcet. Rio de Janeiro: Uapê, 2019.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo, Editora Anita Garibaldi, 2018.

MÈNAGE, G. **Historia de las mujeres filósofas**. Spain: Herder, 2009.

ORLANDI, E. P. Segmentar ou Recortar. **Série Estudos - 10**. Uberaba: Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2010.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio** : no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editoras da Unicamp: 2013.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990 [1969].

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. ; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990 [1975].

PACHECO, J. (Org.). **Filósofas**: a presença das mulheres na filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SCHERER, A, E.; PETRI, V.; MARTINS, T. S. Na análise de discurso, ‘a paisagem é realmente acidentada’, ou reflexões acerca de

seu processo de disciplinarização no sul do Brasil. *Signo y Señã*, Facultad de Filosofía y Letras (UBA), n. 24, p.21-34, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Projeto Político-Pedagógico do curso de licenciatura em Filosofia**. Maceió: UFAL, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Projeto Pedagógico do curso de bacharelado em Filosofia**. Santa Maria, UFSM: 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. **Projeto Político-Pedagógico do curso de graduação em Filosofia**. Porto Velho: UNIR, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC. **Projeto pedagógico do curso de bacharelado em Filosofia**. Santo André, UFABC: 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO. **Projeto Político-Pedagógico do curso de licenciatura em Filosofia**. Cuiabá: UFMT, 2013.

Notas

* Mestra em Letras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

** Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Atualmente, é docente no curso de Graduação e de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

¹ Estamos propondo um gesto analítico sobre a disciplina de História da Filosofia como ela costuma ser estudada nos cursos de Graduação em Filosofia. Isso nos leva a problematizar que os dizeres que atravessam o Ensino Superior em Filosofia acabam, muitas vezes, reproduzindo e reforçando alguns efeitos de sentido que circulam, tanto dentro quanto fora da academia, isto é, de que não existiram mulheres filósofas ou que estas não são filosóficas “o bastante” para serem estudadas, por exemplo. Além disso, a disciplina em questão, tal como se constitui nas ementas analisadas, apaga outras histórias de outras filosofias. Ou seja, ao tratar temas e filósofos, em geral, do contexto europeu, a disciplina de História da Filosofia apaga outros contextos, outras territorialidades, outros sujeitos e outros saberes filosóficos.

² Garcia-Roza (2009) nos relembra que já em Platão, século IV a.C., encontramos a afirmação de que a ciência se manifesta como posse da verdade, sendo esta a revelação do ser. Logo, tal definição platônica de ciência a entende como teoria do conhecimento, cujo sentido produzido só pode ser o da verdade. Como, para os platônicos, ciência e razão implicariam em uma mesma definição (e razão, do grego logos, poderia ser considerada também como discurso), podemos entender, assim, que o discurso científico e, por conseguinte, também filosófico, quer se sustentar como porta-voz da verdade.

³ Adotamos a terminologia no singular quando nos referimos ao pensamento filosófico tradicional, que busca pela essência do ser, contido na definição de mulher, e pluralizamos, em proximidade aos estudos e discussões feministas e de gênero (DAVIS, 2016; BUTLER, 2017), por entender que não há a categoria universal mulher, isto é, “A” mulher não existe, mas sim mulheres, no plural, com suas especificidades (de raça, etnia, classe, sexualidade etc.) e lutas. Porém, como mostraremos, nem sempre as mulheres puderam pensar e falar sobre si e sua posição social e histórica, pois, durante séculos, o discurso filosófico-científico, baseado no senso comum, delimitou o que era ser mulher, como se todas devessem se encaixar no modelo pré-existente.

⁴ As mulheres, enquanto classe, desde os primórdios da civilização foram subjugadas pelos homens. Sabemos que dentro a classe de mulheres há diferentes grupos, que acumulam outras violências e outros apagamentos e/ou exclusões da história hegemônica que nos foi contada. Gostaríamos de problematizar essas e outras questões sobre as diferentes mulheres e seus grupos. Porém, como nosso gesto analítico considera as ementas de História da Filosofia e, a partir dela, os temas e os autores referenciados, acabamos por nos referir ao contexto de produção europeia, considerando, também, as condições das mulheres nesse contexto. Esperamos, em novas pesquisas, abordar a temática da produção de mulheres negras e de outras territorialidades.

⁵ Optamos pelas Universidades Federais de Ensino Superior, porque acreditamos que estas possuem reconhecimento nacional e têm, assim, ampla representação do curso de Filosofia no Brasil.

⁶ Adotamos a nomenclatura de Projeto Político-Pedagógico para termos uma uniformidade em nosso texto. Porém, como cada Universidade é autônoma, há variações na denominação desse documento regulador dos cursos de Graduação.

⁷ Na Região Centro-Oeste há oito Universidades Federais, sendo quatro com curso presencial de Filosofia e duas delas com Projetos Político-Pedagógicos online: UFMS e UFMT.

⁸ Na Região Nordeste há um total de 20 Universidades Federais, das quais 12 possuem curso presencial de Filosofia e quatro delas têm Projetos Político-Pedagógicos online: UFAL, UFMA, UFPE e UFPI.

⁹ A Região Norte possui 10 Universidades Federais no total, seis delas com curso presencial de Filosofia e três com Projetos Político-Pedagógicos online: UFAM, UFPA e UNIR.

¹⁰ A Região Sudeste conta com o total de 19 Universidades Federais, 14 com curso presencial de Filosofia e três delas com Projetos Político-Pedagógicos online: UFABC, UFRRJ e UFSCar.

¹¹ A Região Sul abriga 10 Universidades Federais no total, em que seis contam com curso presencial de Filosofia e três com Projetos Político-Pedagógicos online: UFFS, UFMS e UNILA.

¹² Sabemos que Michel Pêcheux foi fundador e teórico da Análise de Discurso francesa, e que esta possui metodologia e conceitos próprios elaborados por este filósofo. Apesar disso, como nossa pesquisa estuda o silenciamento das e nas mulheres que ousaram ser filósofas, cientistas e escritoras, optamos pela aplicação

preferencialmente do texto de autoras, buscando resistir à teorização majoritariamente masculina, presente em grande parte das produções acadêmicas.

¹³ Inserimos os recortes do corpus a partir de prints dos documentos disponibilizados online, isto é, dos Projetos Político-Pedagógicos do curso de Filosofia de cada Universidade Federal selecionada. Optamos por essa forma de demonstração, pois acreditamos ser mais simples a visualização dos referidos documentos nesse formato.

¹⁴ Utilizamos para análise apenas as referências básicas dos ementários.

¹⁵ Nos Projetos Político-Pedagógicos dos cursos de Filosofia que pesquisamos, as/os professoras/professores ou as/os autoras/autores que formularam as ementas das disciplinas não são nomeados.

¹⁶ Como comentamos anteriormente, nosso gesto analítico, devido ao nosso recorte, problematiza questões sobre as mulheres brancas. Referimo-nos, nesse momento, ao acesso à educação e a inserção social desse grupo de mulheres no mercado de trabalho, considerando o contexto de produção da consolidação do capitalismo. Apesar das mulheres, enquanto classe, trabalharem, desde os primórdios, no âmbito doméstico, mulheres mais pobres ou mulheres de etnias diferentes já trabalhavam fora há muito tempo.